

11-04-2025

BRINCOLETRAR

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

É grave. Muito grave. Gravidade maior e inegociável quando uma pessoa de 50, 60, 70 anos deixa de brincar. E muito mais grave que isso é uma criança, por motivos singulares, fundos e intransmissíveis, não possuir disposição de transformar as suas mãos, os seus pés, as suas pernas, os seus olhos em canais de fantasia. Quando uma criança não quer brincar isso é um sintoma, um diagnóstico. Ela está adoecida. Precisa, por isso, da urgência do cuidado. Não à toa, o psicólogo e poeta catalano (Catalão de Goiás), André Luiz dos Santos, me ensinou que a vontade de brincar de uma criança é sinal de saúde. Me ensinou ainda que, ao brincar, a criança ameniza a sua agressividade e que, brincando, chega ao Outro, felicita a vida, funde o real ao imaginativo. Sem essa fusão não há, inclusive para os adultos, poesia, paixão e utopia. Que aprendamos: a brincadeira é o fundamento da poesia. Que aprendamos: a poesia é uma forma de resistência. Por tudo isso, a brincadeira é coisa séria. Muito séria, tão séria que se pode e deve-se, a partir de seu conteúdo, enunciar uma pergunta de cunho psicológico e filosófico:

O que eu, você, todas e todos, fazemos com a nossa infância?

O que estamos fazendo com a nossa infância?

A sociabilidade na escola, nos bancos, nos cartórios de registro civil, no mercado, nas igrejas; na vida no trabalho, na luta com o dinheiro para a sobrevivência e no modo como se coloca na família tende a sufocar a brincadeira, desaprová-la em nome do governo da vida e da administração da existência. Quase sempre, nessas situações, brincar se torna sinônimo de infantilidade, ato desproporcional às instituições que governam as guerras, promovem a onda predatória; monopolizam a riqueza; desenvolvem coerções; policiam, mediante satélites, o que se faz; negociam os símbolos, os objetos, a voz, o vento, a água, os minérios, o sol. Sítio fecundo das memórias de alumbramento, hemisfério fantástico das descobertas; prisma para o olhar inaugural, a infância não se prende à fase da criança. Entretanto, é violentamente combatida, tão combatida que adultos são ensinados, em todas as situações e em todo o tempo a encaixotá-la numa espécie de memória passadista. Ou de lamento do que se foi e não volta mais. Mas como ensinou Lindomar Tomé, psicólogo, poeta e terapeuta transpessoal, a brincadeira é uma forma de resistência à neurose urbana, social e intelectual.

É também o carrinho de rolimã ou a boneca feita de palha de milho que gera os mais bonitos risos, conduzindo o sujeito a esquecer, pelo menos por algum momento, da coerção do Estado e das forças que põem as mãos na garganta a partir de impostos, obrigação de produtividade e pressão por equilíbrio emocional. Daí que brincar é necessário para ressuscitar a infância, como a infância é necessária para habilitar as relações fora do eixo burocrático e castrador das instituições. Por isso, tenho comigo que a arte, em todos os seus gêneros, nada mais é do que uma respiração brincante no mundo da racionalidade castradora.

O samba é a brincadeira dos quadris; o teatro é a brincadeira dos gestos; a pintura, a brincadeira das cores; a dança é a brincadeira do movimento; a poesia, a brincadeira das palavras.

Nisso, Manoel de Barros ensina: poesia serve para acriançar.

E Garrincha é o nosso mestre dos mestres. Joaquim Pedro, poeta haikaisista, gosta de dizer que o humor é um canal de criação – e a criação é um depoimento de humanidade e de humanismo.

Sem criar, o sujeito, em maior ou menor volume, se torna a salsicha de Chaplin presa na engrenagem da indústria.

Agora, poder-se-ia dizer: sem a criação, o sujeito se reduz a dados prontos para servir à estratégia acumuladora das *Big Techs*.

O médico, poeta e militante da Saúde do Trabalhador, um dos criadores do MAL – Movimento Anarquista da Lage – Luiz Carlos Fadel de Vasconcelos, em seu consultório pediátrico receitava poesia às crianças. As suas receitas talvez servissem mais aos pais do que às próprias crianças. Nas entrelinhas dos poemas-remédios certamente havia o aviso aos pais: “*Brinquem! Criem situações para os seus filhos brincarem, sejam responsáveis, façam da brincadeira o pleito do amor!*”. Eu posso lhes dizer que entendi as receitas poético-curativas de Fadel. Aprendi tanto que, com ele, brincoletro há quase três décadas. Um dia desses, dando passos na arte de brincoletro, lhe escrevi:

Fadelíssimo, você sabe com quantos paus se faz uma leitoa?

Pois é, eu sei. Penso que sei. Basta você, com pá poética, transformar o substantivo pau numa metáfora. Ao se tornar uma metáfora, o pau se abre infinitamente. O mesmo pode se fazer com a leitoa. Em registro de metáfora, a leitoa se abre infinitamente.

A metáfora, bem sabem todos os metaforizadores, empreende o alargamento do sentido. Sem alargar o sentido pode-se crer, erroneamente, que a palavra é igual ao objeto que nomeia. Não é. Mas é. Estamos num mundo de palavras, de paus, de leitoas.

De coisas a serem ditas, como me disse a minha tia Benedita num sábado de lua boa: “Eu te amo!”.

■ ■ ■